



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 C.  
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## (1) A CONFERÊNCIA PRELIMINAR DA

## Internacional Sindicalista

EFFECTUADA EM BERLIM, DE  
16 A 21 DE DEZEMBRO DE 1920

Reportagem de A. Souchy para GUERRA DI CLASSE  
Trad. do Italiano do Perfeito do Carvalho

A guerra veio interromper as relações e entendimentos entre os organismos sindicais dos vários países. Tornava-se necessário restabelecer essas relações internacionais. Em consequência das revoluções russa e alemã a situação internacional transformou-se profundamente, e o eixo de gravitação do movimento operário foi transferido do Ocidente para o Oriente. Esta circunstância induziu alguns sindicalistas, particularmente os de Itália e de Espanha, a voltar-se para Moscú. Foram ao terceiro Congresso da III Internacional de Moscú; no regresso, concordaram que o seu posto não era à mesa da Internacional política, e manifestaram, através de uma Alemanha, o seu desejo de constituir uma Internacional Sindicalista. Os sindicalistas reconheceram que além dos interesses dos vários partidos revolucionários havia interesses comuns que requeriam uma comum manifestação em bases internacionais. Foi esta a razão que levou a *Freie Arbeiter Union Deutschland* (União livre dos trabalha-

### A representação

Estavam representados os seguintes países e as seguintes organizações:  
**Estados Unidos.**—Industrial Workers of the World (I. W. W.), 100.000 membros. Delegado: George Hardy.  
**Argentina.**—Fédération Obrera Regional Argentina del V Congreso, compreendendo as seguintes organizações: Trabalhadores das docas, 47.000; Trabalhadores de transportes, 43.000; Trabalhadores rurais, 28.000; Federação Provincial de Santa Fé, 35.000. No total, aproximadamente, 200.000 membros, segundo as declarações do delegado: Tom Barker.  
**França.**—Comité Syndicaliste Révo-

lutionnaire: 961 grupos locais com 300.000 membros. Delegados: Victor Godonèche e Jean Cepe.

**Grã-Bretanha.**—Shop-Stewards e Workers Committee Movement, 200.000 membros. Delegado: Jack Tanner.

**Holanda.**—National Arbeidssecretariaat, 12 federações, 40.000 membros. Delegados: B. Lansink jun., E. Bowmann.

**Alemanha.**—Freie Arbeiter-Union (Der Syndikalist), 450 grupos locais, 6 federações, 150.000 membros. Delegados: Fritz Kater, Max Winkler, Rudolf Rocker, August Souchy, Franz Barwich, Theodor Plivier, Oast Pogonsky.

**Tchecoslováquia.**—2.000 membros representados.

**Suécia.**—Sveriges Arbetare Centralorganisation (S. A. C.), 32.000 membros. Delegado: Franz Severici.

O que dá um total de 1.024.000 membros representados.

**A Dinamarca.** (Landsforbund Faarpositionens Sammenlutning), estava ausente mas justificava a falta.

Também a Espanha e a Itália faltavam, porque presentemente tem lugar nestes países perseguições atrozes contra os sindicalistas, os mais activos dos quais jazem nas prisões.

Estavam ainda presentes Milan Mikaloff, do Partido Libertário Comunista de Paris; S. Belinky com a sr. Heimann, por parte do Conselho da Internacional dos Sindicatos Vermelhos da Rússia; e Hirny, do Partido Comunista da Rússia.

### A inauguração

A conferência foi aberta pelo companheiro Winkler, que deu as boas vindas aos delegados presentes. Foi escolhido para presidente o companheiro Rocker.

Lansink propõe que no ordem do dia se sucedam as questões pela maneira seguinte:

a) Troca de ideias;  
b) Política da organização sindicalista;

c) Relações com a Internacional de Amsterdam;

d) Relações com a Internacional de Moscú;

e) Ideias que devem propugnar-se no presente momento.

Ceppe (França) propõe que se reúnam os dois pontos: Amsterdam e Moscú.

Depois disto os vários delegados expõem, num breve relato, a situação dos sindicalistas no movimento operário dos seus países.

### Estados Unidos

Hardy (Norte-América) descreve as perseguições sofridas pela I. W. W. e a situação deste organismo na Internacional.

Por este relatório se fica sabendo que na América o capitalismo, influenciando a máquina do Estado, procede com inexorável rigor contra os operários sindicais.

Na maior parte dos Estados da Norte-América votaram-se leis contra o «criminoso sindicalismo», como lhe chamam. Nos acontecimentos de Chi-

cago (Setembro de 1917) foram condenados a 20 anos de prisão 18 companheiros, 38 a 10 anos, 33 a cinco anos, e 12 a 1 ano. Em Sacramento, Califórnia, 38 dos mais activos companheiros foram condenados de 2 a 16 anos. Em Kansas, 36 companheiros foram condenados a penas variando de 1 a 10 anos. No Texas, os nossos companheiros Rangel e Clins sofreram a pena de 9 anos, por «vários delitos». Além destes, muitos outros foram condenados de 1 a 10 anos. Ao todo 200 condenações. Em toda a América, encontram-se agora nos cárceres cerca de dois mil membros da I. W. W.

A situação dos I. W. W. na Internacional é assim exposta por Hardy:—O que se pretende é uma Internacional das organizações económicas e industriais de todos os países, livre de qualquer domínio, independente de todos os partidos políticos. A I. W. W. não pode aceitar as teses da III Internacional duma III Internacional celular. Não quer uma Internacional sob o alto domínio duma Internacional de partidos políticos. Contudo não quer pôr-se em luta com Moscú. Deseja uma Internacional e não duas. Por isso o comité central executivo deliberou acorrer ao chamamento de Moscú para criar uma Internacional juntando todas as organizações revolucionárias industriais-sindicalistas. Mas quando recebeu o convite para esta conferência preliminar enviou à Europa o seu secretário geral para que defendesse o ponto de vista da I. W. W., e possi-

velmente ajudasse a criar uma plataforma comum sobre a qual possam apresentar-se em Moscú os sindicalistas revolucionários.

### O relatório alemão

Fala depois Winkler (Alemanha). Expõe a situação dos sindicalistas durante a guerra e acentua que contra os sindicalistas foram organizadas as maiores perseguições numa época em que os actuais comunistas se portavam como patriotas.

Quando depois veio a Revolução, e com ela o domínio da social-democracia, os sindicalistas não foram tratados melhor que no regime de Guilherme. O ministro Severing veio expressamente da frente a Berlim para ordenar a prisão dos nossos companheiros Peter e Rocker.

Durante o *putsch* de Kapp, embora não cubicasse o poder como os comunistas, sofreram muitíssimo sob a violência da reacção. Só em Werne Langendreef foram fuzilados 36 sindicalistas, isto numa pequena aldeia. Em Sommena foram os sindicalistas particularmente atingidos, e um total aproximadamente dum milhão de companheiros caíram na luta contra a reacção.

No que respeita à Internacional, Winkler diz que se deve aclarar este ponto: os sindicalistas revolucionários querem ir para Moscú, devendo-se por isso criar imediatamente uma base sobre a qual se possa ingressar na III Internacional.

Winkler descreve depois rapidamente

os traços essenciais do sindicalismo alemão e demonstra que entre o sindicalismo internacional e o «industrialismo» não há diferenças nem de tática nem de princípios mas apenas uma diversidade na estrutura das organizações, etc., correspondendo ao desenvolvimento de cada país. Mas nos fins, e nos caminhos a percorrer para a consecução destes fins, estão completamente de acordo.

### Os sindicalistas franceses

O comp. Godonèche (França) fala em nome dos sindicalistas revolucionários franceses e refere que no seu país a minoria revolucionária está no seio da Confederação Geral do Trabalho. Mas no seio desta minoria não há uniformidade, pois nela se encontram representadas três correntes: anarquistas, sindicalistas revolucionários e sindicalistas-socialistas-comunistas. Todas as três correntes sustentam e defendem uma política favorável à República dos Soviéticos e aderiram já ao Conselho da Internacional dos Sindicatos Vermelhos, com sede em Moscú. Manifestam-se num sentido idêntico aos dos americanos, isto é, pretendem ir a Moscú e aí tomar parte na constituição duma única internacional sindical revolucionária. A questão do Estado da ditadura do proletariado e de comunismo não foi ainda bem esclarecida pelos franceses, porque há a este respeito três correntes.

(Continua)

## O hábito de mentir

Volta *O Jornal*, órgão das empresas jornalísticas, a insistir nas suas mentiras. É um hábito adquirido o que aqueles senhores praticam inconscientemente. De facto, eles não se apercebem de que mentem, tamanha a sua insensibilidade.

No seu número de ontem largava esta patranha:

A Federação do Livro e do jornal organismo da C. G. T., não é para brincadeiras. Quando lança a sua guerra revolucionária, e por isso mesmo bem acentuadamente despótica, a qualquer classe ou a qualquer grupo, para não falarmos só dos indivíduos, ela não permite discrepâncias, nem hesitações, nem sofismas. Exige uma obediência cega. Muitos factos o comprovam, e o que vamos citar é, para o caso, o mais sugestivo e eloquente.

Como a direcção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, anterior à actual, não tivesse podido coagir os seus consócios a impedir a publicação, nos jornais em que trabalhavam, de notícias que a C. G. T. julgava contrária à sua política de agitação incessante, sobretudo durante a greve ferroviária, que tantos prejuízos causou ao país e para os mesmos grevistas só deu resultados funestos, a Associação dos Trabalhadores da Imprensa foi irradiada da Confederação Geral do Trabalho. Não dava a sua cota parte para a acção revolucionária. Era expulsa, como indigna e rebelde à disciplina sindical. Mas nomeou-se outra direcção, e essa tratou de conseguir que a excomunhão se levantasse.

Jesus, que tremendo!

Ora vejamos a verdade.

A irradiação da Associação dos Trabalhadores da Imprensa nunca se dou. Desafiámos *O Jornal* ao comprová-lo. Essa afirmação tem tanto valor como esta:—*O Jornal* é subsidiado por dinheiro alemão para fazer uma obra anti-patriótica. Este boato, que tem muito de possível, porquanto, todos o sabem, nunca as empresas jornalísticas se recusaram a publicar o que passasse pela Caixa, embora esse género de publicidade deservisse a defender os interesses menos legítimos, não sabemos se é verdadeiro, nenhuma prova material possuindo nós para garantir a sua veracidade. É uma afirmação gratuita, tam gratuita como a que reproduzimos de *O Jornal*.

Mas a acusação de *O Jornal* não tem sequer a virtude da lógica. A Associação dos Trabalhadores da Imprensa não podia ser irradiada da C. G. T. porque nela não está filiada directamente, mas sim na Federação do Livro e do Jornal. Mas nem mesmo deste organismo ela foi irradiada. É uma mentira e *O Jornal* não sabe senão mentir como mentiam cotidianamente os outros jornais.

As palavras que *O Jornal* põe na boca do delegado da F. L. J. são outra fantasia. O que esse delegado disse, e muito bem, era que a Associação dos Trabalhadores da Imprensa, federando-se, adquiria direitos e contra deveres, os quais deveres, fundamentalmente, não consistiam apenas em pagar as suas cotas, mas fazer-se representar pelos seus delegados, devendo escolher para esse efeito

os que tivessem qualidades de assiduidade. Como se vê, tudo isto tem muito pouco de ditatorial, de arbitrário e do ténico, segundo a descrição de *O Jornal*.

E, para fechar, *O Jornal* volta a dizer que *A Batalha* faz as claras a propaganda bolchevista.

Transcrevemos, como réplica, o que dissemos aqui, em editorial, em 20 de Setembro do ano pretérito:

Agitadores profissionais, agentes habituais de desordem, são classificações que nos não podem ser aplicadas com verdade e justiça. Revolucionários somos, é certo, e sempre com inteiro desassombro o afirmámos. Mas revolucionários exactamente porque abolicionistas de verdade, a perdurável ordem que só pode existir numa organização social em que os interesses de todos livremente se equilibrem, a garantir uma harmonia inalterável.

Bolchevistas não o somos igualmente. A revolução russa é verdade que pode ser para nós um incentivo, mas nunca um modelo. Habitados a falar sem rebuço e sem temor, com pena de todas as penas, nada obstará a que confessássemos francamente as nossas tendências bolchevistas, se acaso elas caracterizassem os nossos ideais. Estamos aqui no exercício de uma missão que é, essencialmente, de propaganda. Para fazer a propaganda de uma ideia é necessário expô-la inteiramente, profundamente. A sermos bolchevistas já desta doutrina teríamos feito o rasgado elogio, pondo em plano inferior a organização sindicalista. Ora a verdade é que, nas nossas referências à constituição política da Rússia apenas nos temos preocupado em restabelecer a verdade dos factos, a desmentir muita infâmia, muita calúnia de que a imprensa burguesa se faz eco. A respeito da revolução russa temos publicado muitos depoimentos, colhidos em fontes que nos merecem crédito, e muitos pareceres de criaturas que reputamos honestas e dignas de apreço. E não poderíamos dizer quem habitualmente nos lê que só a pareceres e depoimentos abertamente favoráveis tenhamos dado publicidade. Queremos nós também—quantas vezes o temos afirmado!—fazer a revolução emancipadora, derrubar a iniquidade e a tirania, restabelecer a igualdade económica, abolir privilégios, libertar os esprelhados. Simplesmente, esta revolução, tal como a ambicionamos e visionamos, não se assemelha à revolução russa, nem nos fins, nem nos meios.

Somos agitadores de ideias, somos bolchevistas, se quisermos, por pretendermos derruir a organização social existente. Mas, bolchevistas aceitantes dos 21 pontos de Moscú, não somos. Vamos mais além. Queremos mais. Alvojamais mais longinquos horizontes.

Honra-nos sobremaneira o facto de não estarmos de acordo, em processos e fins, com *O Jornal* e a sua gente. O contrário é que seria para lamentar. *O Jornal* honra-nos muito não nos considerando da sua grei, porque, de facto, o não somos. Não agítamos a multidão contra o ministro A ou o ministro B para defender interesses de grupos financeiros, escrevendo a tanto a linha.

É verdade que, por tal motivo, não leva *A Batalha* vida desafogada. Mas somos limpinhos de mãos e de consciência. Outro tanto não poderão dizer com verdade os das empresas jornalísticas.

## NOTAS & COMENTARIOS

### Em Itália

Um telegrama especial que o órgão dos industrialistas da imprensa inseria ontem diz-nos que os *fascisti* (*O Jornal* escrevia *fascisti*) haviam pegado fogo, talvez por uma simples questão de patriotismo e tolerância, às instalações do jornal operário *Il Lavoratore*, as quais «se encontravam transformadas numa verdadeira fortaleza, com trincheiras e barricadas». Tão logo apetrechamento bélico dentro dum edifício é obra de por os cabelos em pé a uma pessoa. O caso é que a polícia conseguiu penetrar no edifício, vencendo heroicamente as trincheiras e barricadas, e prendendo o director do jornal, colaboradores, tipógrafos e mais 41 pessoas que se lhe deram. Isto é: os *fascisti* que se incendiaram e os do jornal incendiado é que foram presos. Fiamos-nos pouco na veracidade dos telegramas especiais recebidos pelo *Jornal*. Dado porém que ele exponha a verdade dos factos, como classificá-los os burgueses e o procedimento dos operários se eles amanhã se lembrarem de largar fogo às propriedades dos ricos, num compreensível gesto de revanche?

### Aqueles bárbaros...

Uma pequena cidade da Rússia dos Soviéticos, Ivanovo-Voznesensk, concebeu e começou já a efectivar a ideia de introduzir a iluminação eléctrica nas habitações operárias. Os materiais precisos escasseiam. Mas como querer é poder, já 500 casas de trabalhadores se iluminam electricamente por meio de 1.500 lâmpadas. Tam depressa entre a funcionar a estação da fábrica Gorielin, três vezes mais poderosa que a estação municipal, a iluminação eléctrica em todas as casas operárias será um facto. Assim, gosarão os trabalhadores da Rússia de comodidades que raros dos seus camaradas europeus usufruem.

Estas notícias gratas publicamo-las não aqui, não porque sejamos bolchevistas, mas porque amamos a verdade. Colhemo-las de uma fonte segura, que não ocultamos: a *Revue Hebdomadaire de la Presse Russe*, chegada às nossas mãos por meio da agência Rosta-Wien.

### A última

Como quer que esta guerra de quatro anos fosse a última, sucedem-se em toda a parte os experimentos de novos engodos mortíferos. No campo de Viégnes, perto de Liège, efectuaram-se há semanas as experiências do canhão *Turbo*, inventado pelo tenente francês Delamare-Maze. O mazarulho tem um alcance três vezes superior ao dos canhões seus antecessores. Já depois disso se fizeram experiências de novos sistemas de hidroplanos, aperfeiçoadíssimos. Os resultados foram óptimos. E a canaça burguesa, ainda não saciada de sanguiarias, esfrega as mãos jubilosamente.

### Pensamento

Ah povo! Onde os teus chefes estão já! Fitá os olhos em teu redor: estás quasi isolado e só. Os teus ídolos prostaram-se aos pés da doutrina divina: o ouro. —Pi y Margall.

### Imposto sobre pianos

A classe musical reíne na próxima segunda-feira, pelas 13 horas, na sede da sua Associação, para tomar conhecimento dos trabalhos realizados pela direcção junto do ministro das finanças, afim de serem isentas do pagamento do imposto últimamente lançado sobre os pianos os profissionais desse instrumento.

### AMANHÃ:

### O Japão e a próxima guerra

Artigo de Hamon

## A GREVE

## TRABALHADORES DOS JORNAIS

### A falta de argumentos...

A despeito dos esforços que as empresas jornalísticas tem realizado no intuito de abrir brecha nas fileiras dos grevistas, estes mantêm-se unidos como na primeira hora, bem dispostos a responder com a mais firme solidariedade às intrigas dos seus adversários, que, incapazes de lutar lealmente, continuam a lançar mão de expedientes indecorosos, na ânsia de emagrar os trabalhadores dos jornais, que muito tempo resistido já, muito mais hão de resistir.

Conforme dizemos noutro lugar, os industrialistas do jornalismo prosseguem nas suas campanhas torpes, mentindo descaradamente, como ainda ontem o faziam em *fundo*, no seu órgão, o que quer dizer que lhes escasseiam argumentos sólidos para combater os seus opositores, que, havendo-o atacado por vezes com vivacidade, não tiveram necessidade, para esse efeito, de afastar-se do recto caminho. Há neste procedimento dos grevistas tanto de elevação como há de degradante no dos seus adversários.

### Aos gráficos grevistas

Os grevistas mais necessitados de auxílio monetário devem comparecer hoje, das 15 às 17 horas, no gabinete da Associação dos Compositores Tipográficos a fim de receberem o subsídio que lhes cabe, e quaisquer camaradas naquelas condições que ainda se não tenham inscrito podem fazê-lo das 13 às 14.

### O que diz a imprensa operária

O nosso prezado colega *O Sul e Sueste*, que por motivo da recente greve esteve suspenso, no número com que faz a sua re-paração diz o seguinte acerca do movimento dos trabalhadores dos jornais:

Declaram-se em greve no dia 10 de Janeiro os trabalhadores de imprensa de Lisboa, atingindo a greve os jornalistas, repórteres, revisores, correctores, etc.

Num gesto de admirável solidariedade e no mesmo tempo, numa esplêndida manifestação de consciência proletária, todos os

### Os ferroviários, firmes

Reapareceu o nosso colega *Sul e Sueste*, que estava suspenso desde que estava a greve dos ferroviários do Estado.

São do seu editorial os seguintes trechos, onde se define a atitude daquela importante corporação operária:

A resistência dos ferroviários e a cobardia das superiores estabelece um contraste tam singular, que só o tempo pode dar aqueles a supremacia moral em face da rendição dos segundos.

Não tenhamos, porém, ilusões. Quanto mais renhida for a luta, quanto mais nos aproximarmos do termo, maior soma de energia há que dispendir, mais durável se tem que apresentar a resistência.

Éles capitularão. Mas quando o fizerem, não lhes restará um átomo de dignidade, uma parcela mínima de moral. E' pois necessário oferecer ao ataque deles uma resistência que se afirme por uma continuidade, em todos os campos, sob todos os aspectos.

Oitocem-nos o combate, em vez de paz? Aceitamos, e sabemos afirmar as nossas condições combativas, como até hoje. Queremos por isso a guerra? Não. Quando em plena greve, dispostos estávamos a achar um ponto de conciliação, em que os nossos irmãos, sem condições nem vencedores. Não o quisermos assim, tanto pior para eles, por que para nós, que coisa alguma temos a perder, em qualquer caso teríamos de continuar lutando. Hoje ainda, enquanto dispostos a não abdicarmos dos nossos direitos, aceitarmos de boa vontade a paz, honrosa e digna, por que sem ela, jamais haverá coisa, tornando-se impossível qualquer entendimento. As nossas aspirações são muito limitadas, por enquanto. A' amanhã voltarmos a não e o que nós não queremos saber hoje ter de nos dar depois com juro, que dia a dia, hora a hora, se vão acumulando.

A liberdade para os presos. A readmissão para os simples, para os julgados. A extinção de todas as transferências e outros castigos, aplicados depois de 9 de De-

que trabalham na confecção dum jornal, se lançaram num movimento grevista, em defesa dos seus interesses menos presas pelas empresas mercantilistas, tendo lançado a publicidade um órgão próprio, intitulado—*A Imprensa de Lisboa*—com uma edição diurna e outra nocturna.

Confectionado pelos grevistas, pôde-se agora ler com agrado num jornal de Lisboa: sem receio de ser envenenado pelas mentiras e falsidades que os grandes rotativos nos impingiam.

A greve dos trabalhadores de imprensa, por todos os motivos simpática, mereça da parte da classe ferroviária do Sul e Sueste o mais franco aplauso, podendo garantir ao novo colega e no valentes camaradas agora em luta, a mais estreita solidariedade da classe que representamos.

A todos os ferroviários recomendamos a leitura da *Imprensa de Lisboa* e um absoluto desprezo pelo *Jornal*, órgão das empresas jornalísticas, do *Século* e do *Diário de Notícias*, de que tam gratas recordações os ferroviários tem.

### O novo diário

Com dois objectivos se publica o diário da tarde cujo aparecimento, muito em breve, temos vindo noticiando: suprir a falta de jornais, originada pelo *lock-out* das empresas jornalísticas evitando que o público se desabite da leitura da imprensa periódica, e facultar ao núcleo de jornais e tipógrafos que o vão editar, o meio honesto de dignamente se manterem na luta a que as empresas os provocaram provendo às necessidades de suas famílias.

Não é, porém, uma obra mercantil, puramente comercial, que os editores do novo periódico querem realizar. Gente nova e honesta, cheia de brio profissional, consciente da nobre função social do jornalismo, quer o grupo editor do novo diário emprender uma obra jornalística honesta e educadora. Assim, além de tecnicamente moderno e graficamente atraente, o novo diário será um jornal noticioso, órgão de cultura popular e de defesa dos interesses dos proletários das profissões liberais.

Com tais objectivos e com tam úteis propósitos, o novo jornal é digno do mais favorável acolhimento por parte das classes trabalhadoras.

### O apoio do operariado

Os novos corpos gerentes da União dos Empregados do Comércio, de Lisboa, resolveram sahir os trabalhadores dos jornais pela sua nobre attitude.

O indispensável para vivermos o reconhecimento da Razão e da Justiça que nos assiste. Aceitamos estas condições, possíveis o entendimento, o regresso da boavontade, o aumento da produção e quantos mais de nós desejarmos.

É o princípio básico a levar em consideração, aquele que nos prova o predomínio do mais forte sobre o mais fraco, quando há desigualdade de direitos.

Escolham pois os dirigentes. O mais forte será o que mais condições morais de resistência tiver, e nesse caso não tenham dúvidas—que a força está do lado da classe ferroviária, que dela saberá usar até onde seja necessário.

Se é assim que o querem, é assim que será.

### Como se mantém a ordem!

Em Barrocelas a guarda republicana fusila o povo

VIANA-DO-CASTELO, 10.—P.—Ontem, na feira de Barroselas, appaream dois empregados da câmara municipal com o fim de cobrarem dos feirantes 15000 por cada boi ou vaca, e pelos restantes animais as quantias que a câmara estabeleceu. Os lavradores, que não estavam prevenidos e não tem prático culpa da matança em que as cousas publicas andam envolvidas, não receberam bem a exigência, desenhando-se um conflito.

A guarda republicana—sempre a guarda—deu principio à fusilaria. Resultado—duas pessoas mortas, muitos feridos, entre eles, em estado grave, um velho de 65 anos e um individuo ainda novo.

Que dizem a isto, a estes barbarismos, aqueles que tanto incensam os da ordem? Com actos tam canibalescos a nossa vida não está segura!

## A arte e os artistas

## A primeira exposição de Luis

\*\*\*\* Varela Aldemira \*\*\*\*

Nós, critico, temos obrigação de examinar com calma, bater sem piedade—porque a piedade não é uma expressão de justiça—e elogiar sem retórica, para não empanar o brilho da verdade.

Tentamos sempre seguir esta linha de conduta, que é a moral do critico, e talvez por esse motivo nos preocupamos bastante com tudo o que a pintura encerre de moral.

Fazemos esta espécie de aviso porquanto, a par das impressões agradáveis que trouxemos da exposição do sr. Varela Aldemira, algumas referências desagradáveis teremos que emitir.

Se não conhecêssemos a pintura de Columbano Bordalo Pinheiro, ao contemplarmos os quadros do seu discípulo sentiríamos, decerto, um assombro inextinguível. Tanto a amabilidade da cor como a perfeição da técnica, seriam, para nós, objecto da mais alta admiração, dos mais rasgados elogios. Sabedores, porém, da origem dessa cor e dessa técnica, sentimos que a nossa admiração não sobe tam alto que toque o aplauso delirante.

Temos, portanto, obrigação de examinar com calma. O sr. Varela foi, enquanto aluno da Academia, o melhor discípulo de Columbano, o que media perdia um único conselho, o que media cautelosamente as suas pinceladas pelas do mestre, o que sentindo a inferioridade do seu próprio temperamento, sufocava as inclinações espontâneas, pedia aos olhos que não vissem e à mão que não executasse, se não o que os olhos e a mão do mestre via e executavam.

Varela Aldemira chegou, assim, a ser a perfeita encarnação de Columbano, a imagem viva de Columbano. Simplesmente este era grande porque era ele, espontâneo, natural; Varela era pequeno, porque era uma cópia; os seus trabalhos seriam talvez os melhores trabalhos de Columbano, vistos por um binóculo ao invés.

Nós, critico, temos que examinar com calma. Relatando estes factos, não somos animado por qualquer interesse pessoal, porque não somos amigo nem do mestre nem do discípulo. Sob o ponto de vista educativo da questão, colocamos o mestre e o discípulo no mesmo plano. Nem o discípulo soube defender a sua personalidade, que a tem, nem o mestre soube respeitá-la.

Até às últimas exposições da Academia, onde Varela expôs, nunca demos verdadeiramente pela existência deste pintor; vimos sempre o pensamento de Columbano materializado, por não que não era a sua. Hoje mesmo, por pouco não diríamos como Boss disse de Cristo: «Varela Aldemira nunca existiu!»

Mas descanse o sr. Varela. Não chegaremos a tal exagero. Convença-se de que existe. Se alguma das frases desagradáveis ao atingido, a culpa não é nossa: é um pouco do sr. Varela e um pouco do sr. Columbano. Se batemos sem piedade neste ponto da questão, foi porque quisemos ser justos, primeiramente; e em segundo lugar, porque nos achamos obrigado a chamar a atenção de todos os mestres e discípulos de pintura para um erro em que frequentemente caem:

M. D.

## AS GREVES

### Em Viana-do-Castelo

### Operários da Construção Civil

Uma nota da F. N. C. C.

Continuam em greve os operários da construção civil de Viana-do-Castelo, em virtude de não terem sido atendidas as suas reclamações de aumento de salário, nas quais já transgiram no intuito de ser solucionado o conflito.

Não o entendem assim os industriais, que preferem procurar operários noutras localidades oferecendo-lhes salários fabulosos, mas não o tem conseguido, apesar de tudo.

Nem o mestre deve sufocar a expansão natural do temperamento do aluno, deformando-o, moldando-o ao seu próprio temperamento; nem o discípulo deve submeter-se incondicionalmente à vontade de quem o ensina. É necessária a existência dum dique entre os dois temperamentos. O discípulo deve robustecer a sua personalidade com a experiência do professor. O mestre tem apenas que amparar o aluno, quando este não souber cam



